

NA ARCA

TRÊS CAPÍTULOS INÉDITOS DO GÊNESIS

CAPÍTULO A

1. – Então Noé disse a seus filhos Japhet, Sem e Cham: – “Vamos sair da arca, segundo a vontade do Senhor, nós, e nossas mulheres, e todos os animais. A arca tem de parar no cabeço de uma montanha; desceremos a ela.

2. – “Porque o Senhor cumpriu a sua promessa, quando me disse: Resolvi dar cabo de toda a carne; o mal domina a terra, quero fazer perecer os homens. Faze uma arca de madeira; entra nela tu, tua mulher e teus filhos,

3. – “E as mulheres de teus filhos, e um casal de todos os animais.

4. – “Agora, pois, se cumpriu a promessa do Senhor, e todos os homens pereceram, e fecharam-se as cataratas do céu; tornaremos a descer à terra, e a viver no seio da paz e da concórdia.”

5. – Isto disse Noé, e os filhos de Noé muito se alegraram de ouvir as palavras de seu pai; e Noé os deixou sós, retirando-se a uma das câmaras da arca.

6. – Então Japhet levantou a voz e disse: – “Aprazível vida vai ser a nossa. A figueira nos dará o fruto, a ovelha a lã, a vaca o leite, o sol a claridade e a noite a tenda.

7. – “Porquanto seremos únicos na terra, e toda a terra será nossa, e ninguém perturbará a paz de uma família, poupada do castigo que feriu a todos os homens

8. – “Para todo o sempre.” Então Sem, ouvindo falar o irmão, disse: – “Tenho uma ideia.” Ao que Japhet e Cham responderam: – “Vejamos a tua ideia, Sem.”

9. – E Sem falou a voz de seu coração, dizendo: – “Meu pai tem a sua família; cada um de nós tem a sua família; a terra é de sobra; podíamos viver em tendas separadas. Cada um de nós fará o que lhe parecer melhor: e plantará, caçará, ou lavrará a madeira, ou fiará o linho.”

10. – E respondeu Japhet: – “Acho bem lembrada a ideia de Sem; podemos viver em tendas separadas. A arca vai descer ao cabeço de uma montanha; meu pai e Cham descirão para o lado do nascente; eu e Sem para o lado do poente. Sem ocupará duzentos côvados de terra, eu outros duzentos.”

11. – Mas dizendo Sem: – “Acho pouco duzentos côvados” –, retorquiu Japhet: “Pois sejam quinhentos cada um. Entre a minha terra e a tua haverá um rio, que as divida no meio, para se não confundir a propriedade. Eu fico na margem esquerda e tu na margem direita;

12. – “E a minha terra se chamará a terra de Japhet, e a tua se chamará a terra de Sem; e iremos às tendas um do outro, e partiremos o pão da alegria e da concórdia.”

13. – E tendo Sem aprovado a divisão, perguntou a Japhet: “Mas o rio? a quem pertencerá a água do rio, a corrente?”

14. – “Porque nós possuímos as margens, e não estatuímos nada a respeito da corrente.” E respondeu Japhet, que podiam pescar de um e outro lado; mas, divergindo o irmão, propôs dividir o rio em duas partes, fincando um pau no meio. Japhet, porém, disse que a corrente levaria o pau.

15. – E tendo Japhet respondido assim, acudiu o irmão: – “Pois que te não serve o pau, fico eu com o rio, e as duas margens; e para que não haja conflito, podes levantar um muro, dez ou doze côvados, para lá da tua margem antiga.

16. – “E se com isto perdes alguma cousa, nem é grande a diferença, nem deixa de ser acertado, para que nunca jamais se turbe a concórdia entre nós, segundo é a vontade do Senhor.”

17. – Japhet porém replicou: – “Vai bugiar! Com que direito me tiras a margem, que é minha, e me roubas um pedaço de terra? Porventura és melhor do que eu,

18. – “Ou mais belo, ou mais querido de meu pai? que direito tens de violar assim tão escandalosamente a propriedade alheia?”

19. – “Pois agora te digo que o rio ficará do meu lado, com ambas as margens, e que se te atreveres a entrar na minha terra, matar-te-ei como Caim matou a seu irmão.”

20. – Ouvindo isto, Cham atemorizou-se muito, e começou a aquietar os dous irmãos,

21. – Os quais tinham os olhos do tamanho de figos e cor de brasa, e olhavam-se cheios de cólera e desprezo.

22. – A arca, porém, boiava sobre as águas do abismo.

CAPÍTULO B

1. – Ora, Japhet, tendo curtido a cólera, começou a espumar pela boca, e Cham falou-lhe palavras de brandura,

2. – Dizendo: – “Vejam os meios de conciliar tudo; vou chamar tua mulher e a mulher de Sem.”

3. – Um e outro, porém, recusaram dizendo que o caso era de direito e não de persuasão.

4. – E Sem propôs a Japhet que compensasse os dez côvados perdidos, medindo outros tantos nos fundos da terra dele. Mas Japhet respondeu:

5. – “Por que me não mandas logo para os confins do mundo? Já te não contentas com quinhentos côvados; queres quinhentos e dez, e eu que fique com quatrocentos e noventa.

6. – “Tu não tens sentimentos morais? não sabes o que é justiça? não vês que me esbulhas descaradamente? e não percebes que eu saberei defender o que é meu, ainda com risco de vida?

7. – “E que, se é preciso correr sangue, o sangue há de correr já e já,

8. – “Para te castigar a soberba e lavar a tua iniquidade?”

9. – Então Sem avançou para Japhet; mas Cham interpôs-se, pondo uma das mãos no peito de cada um;

10. – Enquanto o lobo e o cordeiro, que durante os dias do dilúvio, tinham vivido na mais doce concórdia, ouvindo o rumor das vozes, vieram espreitar a briga dos dous irmãos, e começaram a vigiar-se um ao outro.

11. – E disse Cham: – “Ora, pois, tenho uma ideia maravilhosa, que há de acomodar tudo;

12. – “A qual me é inspirada pelo amor, que tenho a meus irmãos. Sacrificarei pois a terra que me couber ao lado de meu pai, e ficarei com o rio e as duas margens, dando-me vós uns vinte côvados cada um.”

13. – E Sem e Japhet riram com desprezo e sarcasmo, dizendo: – “Vai plantar tâmaras! Guarda a tua ideia para os dias da velhice.” E puxaram as orelhas e o nariz de Cham; e Japhet, metendo dous dedos na boca, imitou o silvo da serpente, em ar de surriada.

14. – Ora, Cham envergonhado e irritado, espalmou a mão dizendo: – “Deixa estar!” e foi dali ter com o pai e as mulheres dos dous irmãos.

15. – Japhet porém disse a Sem: – “Agora que estamos sós, vamos decidir este grave caso, ou seja de língua ou de punho. Ou tu me cedas as duas margens, ou eu te quebro uma costela.”

16. – Dizendo isto, Japhet ameaçou a Sem com os punhos fechados, enquanto Sem, derreando o corpo, disse com voz irada: “Não te cedo nada, gatuno!”

17. – Ao que Japhet retorquiu irado: “gatuno és tu!”

18. – Isto dito, avançaram um para o outro e atracaram-se. Japhet tinha o braço rijo e adestrado; Sem era forte na resistência. Então Japhet, segurando o irmão pela cinta, apertou-o fortemente, bradando: “De quem é o rio?”

19. – E respondendo Sem: – “É meu!” Japhet fez um gesto para derrubá-lo; mas Sem, que era forte, sacudiu o corpo e atirou o irmão para longe. Japhet, porém, espumando de cólera, tornou a apertar o irmão, e os dous lutaram braço a braço,

20. – Suando e bufando como touros.

21. – Na luta, caíram e rolaram, esmurrando-se um ao outro; o sangue saía dos narizes, dos beijos, das faces; ora vencia Japhet,

22. – Ora vencia Sem; porque a raiva animava-os igualmente, e eles lutavam com as mãos, os pés, os dentes e as unhas; e a arca estremecia como se de novo se houvessem aberto as cataratas do céu.

23. – Então as vozes e brados chegaram aos ouvidos de Noé, ao mesmo tempo que seu filho Cham, que lhe apareceu clamando: “Meu pai, meu pai, se de Caim se tomará vingança sete vezes, e de Lamech setenta vezes sete, o que será de Japhet e Sem?”

24. – E pedindo Noé que explicasse o dito, Cham referiu a discórdia dos dous irmãos, e a ira que os animava, e disse: – “Correi a aquietá-los.” Noé disse: – “Vamos.”

25. – A arca, porém, boiava sobre as águas do abismo.

CAPÍTULO C

1. – Eis aqui chegou Noé ao lugar onde lutavam os dous filhos,

2. – E achou-os ainda agarrados um ao outro, e Sem debaixo do joelho de Japhet, que com o punho cerrado lhe batia na cara, a qual estava roxa e sangrenta.

3. – Entretanto, Sem, alçando as mãos, conseguiu apertar o pescoço do irmão, e este começou a bradar: “Larga-me, larga-me.”

4. – Ouvindo os brados, as mulheres de Japhet e Sem acudiram também ao lugar da luta, e, vendo-os assim, entraram a soluçar e a dizer: “O que será de nós? A maldição caiu sobre nós e nossos maridos.”

5. – Noé, porém, lhes disse: “Calai-vos, mulheres de meus filhos, eu verei de que se trata, e ordenarei o que for justo.” E caminhando para os dous combatentes,

6. – Bradou: “Cessai a briga. Eu, Noé, vosso pai, o ordeno e mando.” E ouvindo os dous irmãos o pai, detiveram-se subitamente, e ficaram longo tempo atalhados e mudos, não se levantando nenhum deles.

7. – Noé continuou: “Erguei-vos, homens indignos da salvação e merecedores do castigo que feriu os outros homens.”

8. – Japhet e Sem ergueram-se. Ambos tinham feridos o rosto, o pescoço e as mãos, e as roupas salpicadas de sangue, porque tinham lutado com unhas e dentes, instigados de ódio mortal.

9. – O chão também estava alagado de sangue, e as sandálias de um e outro, e os cabelos de um e outro,

10. – Como se o pecado os quisera marcar com o selo da iniquidade.

11. – As duas mulheres, porém, chegaram-se a eles, chorando e acariciando-os, e via-se-lhes a dor do coração. Japhet e Sem não atendiam a nada, e estavam com os olhos no chão, medrosos de encarar seu pai.

12. – O qual disse: “Ora, pois, quero saber o motivo da briga.”

13. – Esta palavra acendeu o ódio no coração de ambos. Japhet, porém, foi o primeiro que falou e disse:

14. – “Sem invadiu a minha terra, a terra que eu havia escolhido para levantar a minha tenda, quando as águas houverem desaparecido e a arca descer, segundo a promessa do Senhor;

15. – “E eu, que não tolero o esbulho, disse a meu irmão: “Não te contentas com quinhentos côvados e queres mais dez?” E ele me respondeu: “Quero mais dez e as duas margens do rio que há de dividir a minha terra da tua terra.”

16. – Noé, ouvindo o filho, tinha os olhos em Sem; e acabando Japhet, perguntou ao irmão: “Que respondes?”

17. – E Sem disse: – “Japhet mente, porque eu só lhe tomei os dez côvados de terra, depois que ele recusou dividir o rio em duas partes; e propondo-lhe ficar com as duas margens, ainda consenti que ele medisse outros dez côvados nos fundos das terras dele,

18. – “Para compensar o que perdia; mas a iniquidade de Caim falou nele, e ele me feriu a cabeça, a cara e as mãos.”

19. – E Japhet interrompeu-o dizendo: “Porventura não me feriste também? Não estou ensanguentado como tu? Olha a minha cara e o meu pescoço; olha as minhas faces, que rasgaste com as tuas unhas de tigre.”

20. – Indo Noé falar, notou que os dous filhos de novo pareciam desafiar-se com os olhos. Então disse: “Ouvi!” Mas os dous irmãos, cegos de raiva, outra vez se engalfinharam, bradando: – “De quem é o rio?” – “O rio é meu.”

21. – E só a muito custo puderam Noé, Cham e as mulheres de Sem e Japhet, conter os dous combatentes, cujo sangue entrou a jorrar em grande cópia.

22. – Noé, porém, alçando a voz, bradou: – “Maldito seja o que me não obedecer. Ele será maldito, não sete vezes, não setenta vezes sete, mas setecentas vezes setenta.

23. – “Ora, pois, vos digo que, antes de descer a arca, não quero nenhum ajuste a respeito do lugar em que levantareis as tendas.”

24. – Depois ficou meditabundo.

25. – E alçando os olhos ao céu, porque a portinhola do teto estava levantada, bradou com tristeza:

26. – “Eles ainda não possuem a terra e já estão brigando por causa dos limites. O que será quando vierem a Turquia e a Rússia?”

27. – E nenhum dos filhos de Noé pôde entender esta palavra de seu pai.
28. – A arca, porém, continuava a boiar sobre as águas do abismo.

Machado de Assis

[*Papeis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882. p. 127-138]

Editores: José Américo Miranda e Gilson Santos.

ANEXO

[O texto seguinte era uma “parte introdutória” aos “Três capítulos inéditos do Gênesis”, no Folhetim de *O Cruzeiro* – vinha antes de CAPÍTULO A, ocupando a primeira coluna e quase metade da segunda. Machado de Assis o suprimiu quando publicou este escrito em *Papéis avulsos*.]

Um capuchinho de Jerusalém remeteu-me pelo último pacote um preciosíssimo manuscrito: nada menos que três capítulos inéditos do *Gênesis*. O capuchinho, que esteve aqui há anos, conserva grata lembrança do nosso país. Da carta com que me mandou o seu maravilhoso achado, extraio estas duas linhas: “Com que saudades me lembro do seu Brasil! Creia que se alguma vez deixar a terra santa, é lá que irei acabar os meus dias.”

O manuscrito foi achado nos alicerces da casa de Caifás. Está muito amarelo e roído em partes, mas felizmente só três ou quatro letras desapareceram de todo, e ainda assim supre-as o sentido. O capuchinho é bom hebraísta; mas, sabedor da curiosidade com que me entrego a tais estudos, quis dar-me a primazia da tradução, pedindo-me que lha enviasse inédita. Não pude resistir à tentação de a publicar, e o faço sem remorso, porque um achado desta ordem não tolera larga obscuridade.

Disse que eram três capítulos inéditos do *Gênesis*, apesar do frade acreditar que se trata antes de uma interpolação e conseqüentemente que o texto canônico é também o texto integral. A razão que ele tem para afirmar que os três capítulos não são mais do que uma interpolação é a tal ou qual corrupção da língua, não obstante alguns arcaísmos, com que o autor (diz o capucho) quis dar ao escrito um verniz da antiguidade. Discordo, e fico trabalhando numa memória de 600 páginas para demonstrar que o fragmento agora achado é o complemento do livro, uma simples restituição da primitiva Escritura.

Para a boa compreensão do que se vai ler, convém notar que estes três capítulos entram no cap. VIII do *Gênesis*, depois do vers. 17, isto é, antes da saída de Noé da arca, saída que é contada nos vers. 18 e 19. Temos pois que o cap. VIII é dividido em dois, indo o primeiro até o vers. 17; seguem-se os caps. A, B e C; e logo depois a 2ª parte daquele que constitui um capítulo separado.

A tradução é a mais fiel que me foi possível fazer. Lutei com dificuldades grandes. Em dois lugares fui obrigado a dar uma forma excessivamente moderna, para corresponder à ideia aproximada do original. Mas, em toda a tradução, conservei a simplicidade bíblica. Se acrescentar que fiz todo o trabalho em trinta e cinco minutos, ajudado apenas de um dicionário roto, terei dado ideia do esforço e ardor com que meti ombros a uma empresa literária, que considero (vaidade à parte), a maior destes últimos cinquenta anos. Oxalá me compreendam os leitores!

Eleazar [Machado de Assis]

FONTE: *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano I, n. 133, p. 1, 14 maio 1878.